TRADIÇÃO ORAL E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

MARIA LUIZA LEANDRO DA SILVA DE SANTI

RESUMO

A arte implica numa gama bastante variada de representações. No campo das tradições orais, podemos elencar as cantigas, as histórias, as pinturas, os materiais, entre tantos outros elementos de representação cultural. As histórias especificamente constituem num poderoso elemento de diferenciação da cultura indígena da cultura do homem branco. Para os índios, as histórias são elementos de transmissão cultural e para as quais vários valores são associados e transmitidos. Para o homem branco, as histórias são momentos de prazer e descontração. Raras vezes são utilizadas para a transmissão de conhecimentos e na aprendizagem de crianças e adultos. No campo da contação de histórias, toda criança tem a oportunidade de ser criança, independente do objetivo final para o qual estejam sendo contadas. Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos da influência que as tradições culturais exercem sobre a formação do povo, ressalta em seus trabalhos a importância da tradição oral para a manutenção de conhecimentos populares transmitidos de geração para geração e que contribuem para ressaltar a importância das histórias para o desenvolvimento das sociedades. Ao mesmo tempo, essas tradições orais também podem ser ricamente trabalhadas no contexto educacional, tendo em vista que muitas crianças têm contato com esses recursos apenas nas escolas. Contar histórias contribui para o desenvolvimento do prazer de ler em todas as idades e favorece o amadurecimento de diferentes processos cognitivos.

Palavras-Chave: Histórias; Tradição Oral; Cultura Indígena

ABSTRACT

Art implies a wide range of representations. In the field of oral traditions, we can list songs, stories, paintings, materials, among many other elements of cultural representation. Stories specifically constitute a powerful element in differentiating indigenous culture from white man culture. For the Indians, stories are elements of cultural transmission and to which various values are associated and transmitted. For the white man, stories are moments of pleasure and relaxation. They are rarely used for the transmission of knowledge and learning for children and adults. In the field of storytelling, every child has the opportunity to be a child, regardless of the ultimate goal for which they are being told. Câmara Cascudo, one of the greatest scholars of the influence that cultural traditions exert on the formation of the people, emphasizes in his works the importance of oral tradition for the maintenance of popular knowledge transmitted from generation to generation and that contributes to highlighting the importance of stories for the development of societies. At the same time, these oral traditions can also be richly worked on in the educational context, considering that many children have contact with these resources only in schools. Storytelling contributes to the development of the pleasure of reading at all ages and favors the maturation of different cognitive processes.

Keywords: Stories; Oral Tradition; Indigenous Culture

INTRODUÇÃO

A arte dos povos brasileiros mais antigos, os índios, costuma ser bastante guardada pelos museus, tendo em vista que, representam a cultura de determinados povos em determinadas regiões. Além disso, entre esses objetos de artes, é possível encontrar brinquedos que representam a realidade da infância desses povos.

A compreensão de cada brinquedo oferece a possibilidade de conhecimento sobre a sociabilidade sociocultural dos indígenas, em especial do universo infantil, tendo em vista que os brinquedos permitem que o observador vá muito além daqueles que fabricam o brinquedo ou simplesmente brincam com eles.

O brincar entre os índios compreendia sempre algo um pouco sério, tendo em vista que brincar era considerado um treinamento para a guerra ou para a caça. Desde muito cedo, as crianças nas aldeias indígenas são orientadas para o desenvolvimento das atividades “domésticas” ou para o trabalho de manutenção da tribo.

A presença de miniaturas oferece também a possibilidade de conhecer os materiais utilizados e os principais traços que promovem a identidade de cada tribo.

É sempre essencial destacar que a noção de brincadeira varia de autor para autor. De modo geral, nas sociedades rígidas, o brincar compreende uma gama de situações, como a visita a parentes, os ofícios religiosos e compreende o local onde é possível encontrar os amigos.

Brincar implica sempre na interrupção das atividades comumente realizadas

no dia a dia, para um momento de lazer. Já nas aldeias indígenas, sabe-se que as atividades relacionadas ao brincar, nem sempre podem ser circunscritas a instantes de interrupção das atividades. A diferença é que nas sociedades indígenas não existe um espaço restrito para aprendizagem. Essa realidade só é modificada com a chegada do homem branco.

Nesse ínterim, as cantigas e as histórias também podem ser incluídas. Enquanto as cantigas constituem parte do patrimônio cultural desses povos, as histórias são utilizadas para moldar comportamentos e para a transmissão de valores culturais associados às tribos.

As histórias mantêm vivas as tradições desses povos e são contadas de acordo com a finalidade para as quais servem. Existem histórias indígenas que levam dias para serem contadas e têm o objetivo de desenvolver comportamentos sociais adequados, melhorando as sociabilidades daqueles que ouvem.

Dessa forma, o universo lúdico associado à cultura indígena é bastante vasto e merece atenção específica em cada item a ser estudado. Neste trabalho, abordaremos as questões ligadas à contação de histórias.

CONTAR HISTÓRIAS ENTRE OS ÍNDIOS

Quando pensamos na contação de histórias, seja entre os índios, ou seja, entre os homens brancos, não podemos nos esquecer de que esse ato ocorre com mais frequência na infância e, como tal, trata-se de um período extremamente fugaz e complexo em todos os sentidos.

Nas mais diversas sociedades, incluindo as indígenas, a contação de histórias representa uma forma lúdica de interação social. Ao contar histórias para as crianças no meio indígena, os adultos são inseridos como contadores e raríssimas vezes como coadjuvantes, pois as histórias de índios são sempre milenares e remontam a antiguidade do povo.

A contação de histórias entre os indígenas possui aproximações culturais e apresentam fundamentos educacionais que contribuem para o desenvolvimento e a formação de referências para cada uma das comunidades onde ocorrem.

Por meio dessas histórias – que também são contadas para os adultos – os sujeitos conseguem reconhecer o lugar onde os saberes são produzidos e perpetuados. Para os homens brancos, as histórias são verdadeiros espaços de reconhecimento de suas próprias características históricas, políticas e culturais, fazendo que o espaço onde acontecem, seja também o espaço onde as crianças se tornam crianças.

Opondo as realidades indígenas e homem branco, é possível perceber que para aqueles, a contação de história se constitui em espaço de transmissão de valores e que para esses últimos, em espaços de aprendizagem e ludicidade propriamente ditos.

Quando os índios querem fazer referência a uma brincadeira (histórias incluídas nessa categoria) que não fazem parte da cultura indígena, costumam referenciar como sendo brincadeira de “homem branco”.

As histórias no seio das tribos indígenas não aparecem como sendo um momento sem expressão. Pelo contrário: todas as histórias possuem uma localização no tempo e no espaço bastante adequado e condizente com os objetivos que aquilo que se deseja transmitir.

As informações recorrentes sobre as sociedades indígenas provocam reflexões sobre o fato de que, diferentemente da sociedade brasileira, os indígenas adultos não manifestam tanta ansiedade de transmitir, seja o que for, às crianças.

A onipresença das crianças pelos quatro cantos da casa, da aldeia, entre tantos outros espaços destinados às brincadeiras, aponta a grande permissividade dos adultos aos seus comportamentos e o ativismo das crianças no processo de apropriação e produção da significação cultura nativa por intermédio das interações nos grupos de pares e individualmente, com ou sem a presença de adultos (DOMINGUES-LOPES; BELTRÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 03).

Em outras palavras, para compreender a realidade dessas tribos e seus comportamentos diante das histórias, é preciso ir muito além da naturalidade das coisas e observar a evolução das etapas nas quais são contadas as histórias.

Com a evolução dos tempos, a infância passou a ser vista como uma fase desenvolvimental de extrema importância para a formação do sujeito depois que seu potencial frente à educação passou a ser reconhecido.

A VISÃO DE CÂMARA CASCUDO

Câmara Cascudo foi o principal responsável por tornar conhecidas figuras fantásticas do folclore brasileiro, tais como saci-pererê, curupira, mula-sem-cabeça e outros personagens do nosso folclore. Nascido em 1898, Cascudo sempre foi um jovem muito diferente dos garotos de sua idade. Ele passava a vida sentado: via figuras, lia livros, ouvia histórias e contemplava paisagens. Esse hábito o acabou despertando para o que veio a ser a matéria-prima de seu trabalho, o povo brasileiro

Seu plano era conhecer a fundo o que era realmente nosso, coisa que não estava

registrada nos livros e não era ensinada nas escolas. Queria saber as histórias de todas as coisas do campo e da cidade; queria conviver com os humildes, os sábios, os analfabetos; queria conhecer os mistérios, as assombrações. Encontrava no folclore um pouco de sua família e de todos com quem convivia, os pescadores, as rendeiras, os cantadores. Em toda sua vida, quase não saiu de sua cidade: ali encontrará alimento para sua alma.

Ele estudava o homem a partir de sua história, das diferentes origens, dos romances, das poesias e, principalmente, do folclore. Luís da Câmara Cascudo se interessava por tudo, menos por matemática, que considerava sua inimiga. Aprendeu a ler em vários idiomas por esforço próprio: inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, grego e latim.

No auge de suas atividades, Cascudo estudava muito, sem nunca se afastar do corpo-a-corpo com os habitantes de sua cidade natal, produzindo uma das maiores obras brasileiras.

Dessa forma, Câmara Cascudo (2004) identifica o conto de tradição oral como aquele cuja autoria se desconhece, é velho na memória dos povos, não tem fronteiras geográficas ou linguísticas e possui na palavra falada seu principal veículo de transmissão. Isso indica porque diferentes estudiosos das narrativas orais tenham encontrado versões similares de um mesmo conto em diferentes partes do mundo e em diferentes épocas, sugerindo que cada história viaja de boca em boca, de povo em povo, ganhando no decorrer desse trajeto novas roupagens, justificando o ditado popular que diz quem conta um conto, aumenta um ponto.

Os contos de tradição oral é um lócus do saber popular e, até que houvesse uma ruptura na linha de transmissão, foi transmitido oralmente através de gerações, de boca a ouvido, dos mais velhos para os mais novos. Há necessidade de uma ênfase na formação e performance do contador de histórias, sendo este aquele que a constrói no ato da narrativa, guiado por um texto fluido e uma memória que preserva o essencial.

Acredita-se que entre as inúmeras possibilidades de narrativas que a contemporaneidade nos oferece, é preciso abrir e manter o caminho para que tenhamos acesso a tais tipos de narrativas e ao que elas nos oferecem: livre acesso ao imaginário, exercício de uma escuta, a possibilidade de encontro com saberes através dos enredos e símbolos dos contos de tradição oral. Inseri-las na escola é permitir outras possibilidades de aprendizagem mobilizadoras da emoção, enraizadas nas camadas populares suportadas pelo exercício da linguagem que se conecta também ao corpo em ritmo e gestualidade.

COMO SER UM BOM CONTADOR DE HISTÓRIAS

Nos tempos antigos, era comum as pessoas se reunirem ao redor do fogo para contar histórias. Até hoje, podemos encontrar nas calçadas, nas praças, na casa dos parentes e vizinhos e durante as festividades, pessoas contando e repetindo histórias, preservando velhas tradições e costumes. Em muitas culturas africanas, por exemplo, o hábito de contar e escutar histórias é uma atitude que se mantém valorizada e ensinada de pais para filhos. Cada história carrega consigo uma lição, um ensinamento, que as crianças devem aprender e respeitar ao longo de suas vidas.

É também contando e ouvindo histórias que resgatamos nossas memórias culturais e afetivas, fundamentais para descobrir quem somos e como lidamos com os outros. Diz-se muito que as pessoas que desenvolvem bem a habilidade de ouvir se tornam pessoas mais capazes de lidar com as diferentes questões do cotidiano. É aprendendo com as experiências dos outros que construímos melhores experiências no futuro.

Um trabalho minucioso com crianças, apontando ou levando-as a descobrir esses elementos técnicos que fazem progredir a ação ou que explicam espaço, tempo, características das personagens etc. aprofundará a leitura da imagem e da narrativa e estará, ao mesmo tempo, desenvolvendo a capacidade de observação, análise, comparação, classificação, levantamento de hipóteses, síntese e raciocínio. (FARIA, 2010, p. 59).

As histórias de tradição oral são anônimas porque não são de ninguém, pertencem a todo mundo e não existe nesse mundo um só povo que não tenha suas histórias. Por serem um elo que une as pessoas, elas de certo modo são uma necessidade do ser humano, por isso, mais importante do que saber quem contou pela primeira vez e qual foi a história, devemos agradecer por elas existirem e nos ajudarem a compreender melhor o mundo em que vivemos.

A arte de contar histórias viabiliza através da oralidade, resgatar a memória do mundo retirando de dentro do baú, histórias contadas em todas as partes do mundo, em todos os lugares onde estiverem presentes, pessoas dispostas a escutar. Não importa quantas vezes uma história é contada, ela não se gasta. Uma história sempre apresenta uma nova face para quem conta e para quem ouve.

Existem alguns elementos e técnicas que contribuem para que uma história fique cada vez mais interessante. Por exemplo, é importante ler bastante a história antes de contá-la, para entender bem o conteúdo que está sendo contado e dar informações precisas para quem está ouvindo. Outra técnica importante é sempre manter “contato

visual" com o ouvinte, para que ele se sinta mais próximo da história e de você também. Abuse da expressão corporal, como expressões faciais e movimentos com o corpo e procure mudar as entonações vocais. Pense em que voz dar para as personagens, de acordo com a sua personalidade. Se ela é brava (voz grave), se é meiga (voz aguda), ou se é mais velha ou criança, assim você vai aumentar as características e consegue criar mais detalhes para a história. Essas são as ferramentas fundamentais que permitem que se mantenha a atenção e o interesse do ouvinte na história contada.

CONTAR HISTÓRIAS EM UMA SOCIEDADE COM MUITAS MUDANÇAS

Para pensar a literatura infantil é necessário pensar no seu leitor: a criança. Até o século XVII as crianças conviviam igualmente com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado ou uma visão especial de infância. Não se escrevia, portanto, para as crianças.

A ideia de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista urbana industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ("de adulto") assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa, ela passa a ser alguém que precisava ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Esse conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade. (KRAMER, 1996. p. 18).

A literatura infantil surgiu com o advento da classe média, da burguesia mais atuante, do século XVII. Antes disso, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, com atribuições semelhantes às dos adultos. Portanto, sua educação, costumes, entretenimentos e papel na sociedade não diferiam muito da dos pais.

Os contos de hoje chamados de fadas, na realidade, não foram imaginados para crianças. Sua audiência era, certamente, adultos, através "Veille", e as histórias nada tinham de inocente, elementos como bárbaros assassinatos, adultério, incesto, pactos com demônios não seriam particularmente indicados para ouvidos infantis, pelo menos não do modo como hoje encaramos essas doces criaturinhas...

A tradição dos contos narrados por doces babás ou carinhosas vovós, surgiu em 1697 com a publicação dos contos dos Tempos Passados, do francês Charles Perrault, cujo subtítulo, Contos da mamãe gansa, se tornou mais conhecido entre nós. Este era uma coletânea de oito contos que ganhou mais três numa edição posterior

No entanto, ao publicar os oito contos que restavam de sua pesquisa em prosa (considerada língua vulgar), fez registrar em nome de Pierre d'Armancourt, pois a literatura para criança era considerada menor.

Apesar de ter feito alterações, Perrault foi o que mais se aproximou da literatura oral. Suas personagens são de todos os níveis sociais, sua linguagem era viva e plástica. Foi muito criticado pelos acadêmicos de sua época, porém, as histórias infantis foi o que o imortalizou.

É no século XVIII que a burguesia se consolida como classe social. Com a industrialização há uma multiplicação na produção de livros e a literatura parte para a busca do conhecimento (o iluminismo), onde só havia lugar para a razão e o raciocínio com os seus enciclopedistas.

O século XIX vem reabilitar a fantasia e restabelecer o clima para os contos de fadas e são os irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm) que animados pelo espírito romântico, vão buscar as suas histórias "vivas" na pureza e na simplicidade e revalorizar os contos maravilhosos. Os contos fazem parte, portanto, de uma literatura que reflete as mudanças rápidas e profundas que a sociedade de então experimentava. Viajando pela Alemanha. Os dois irmãos vão colhendo de diversos narradores as histórias que circulava na boca do povo. Através de Dorotea Viehmman, uma velha mulher do povo, recolheram duzentos contos de fadas, sem falar em dez lendas, seiscentas cantigas folclóricas entre outros.

Na tradição oral, as histórias não eram destinadas ao público infantil e sim aos adultos. Foram os irmãos Grimm que as dedicaram às crianças por sua temática mágica e maravilhosa. Fundiram assim, esses dois universos: o popular e o infantil.

Tal como fizeram os irmãos Grimm, Hans Christian Andersen foi um escritor que se preocupou, essencialmente, com a sensibilidade exaltada pelo Romantismo. Aos 11 anos, órfão de pai, sentiu-se no mundo completamente só. Pouco frequentou a escola, aparecendo somente nos intervalos, pois a maior parte de seu tempo consumiu-se com as histórias que imaginava, o que fazia melhor que suas lições. Dono de uma memória privilegiada, Hans Christian podia aprender e guardar na cabeça, muito facilmente, tudo o que ouvia de um vizinho que tinha o hábito de estudar em voz alta.

Em 1835, Andersen publicou quatro histórias sob o título de Contos de Fadas para crianças. Quem leu crianças e adultos, pediram mais e até 1873 publicou 168 contos. Foi considerado o precursor da literatura infantil mundial, foi à primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças.

A literatura infantil no Brasil foi antecedida por uma intensa atividade representada pelo jornalismo e por traduções, o que nos permite admiti-la como a primeira fase da Literatura Infantil num período preparatório de amadurecimento.

Se a arte de escrever já é, em si, complexa e difícil, tornar-se-á mais ainda, quando se escreve para criança. As crianças são muito exigentes, é preciso ser ou tornar-se criança para agradá-las.

Em 1894, Alberto Figueiredo Pimentel lança pela editora Quaresma o primeiro livro para crianças – Contos da Carochinha – que é uma coletânea de contos populares, em que ele traduz e dá um caráter brasileiro às histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os primeiros brinquedos para a criança são os movimentos do próprio corpo. Na medida em que as percepções vão se sofisticando, as crianças passam a brincar com elementos da própria natureza, como pedras, galhos, folhas, abrindo margem para o desenvolvimento da imaginação infantil.

Quando a criança se apropria da palavra, surge a aprendizagem por meio da contação de histórias que envolve o desenvolve da capacidade auditiva e ao mesmo tempo coloca em evidência a importância da imaginação no desenvolvimento e na compreensão das histórias contadas. As histórias se modernizam e passam a exercer influências mais profundas e poderosas sobre as crianças.

Ao observar as características das atividades culturais indígenas, é preciso compreender as funcionalidades para as quais estão servindo, pois nessa cultura, o brincar – mais propriamente o uso das histórias – tem sempre um objetivo a ser atingido.

A contação de histórias dentro das aldeias indígenas assume o caráter de transmissão de valores e procuram evidenciar toda liberdade que existe nessas comunidades, pois é por meio das histórias que os comportamentos são direcionados e moldados pela imitação. Além disso, por meio da arte de contar histórias as crianças podem se apropriar dos valores de sua própria cultura, possibilitando a reconstrução de ideias e melhorando a sociabilidade em toda a tribo.

Para Câmara Cascudo, as histórias podem estimular bons ouvintes e bem, bons ouvintes podem se tornar bons leitores, mas não necessariamente. Na verdade, as histórias criam pontes com vários aspectos do viver bem como do aprender, seria limitante restringi-lo a um único caminho, estimular leitores, assim como acreditar que, mesmo considerando seu fundamento no mundo oral, precisa do escrito para continuar a existir.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES-LOPES, R. C.; OLIVEIRA, A. C. BELTRÃO, J. F. O lúdico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e da Juventude. Março, 2015. Disponível em: http://desidades.ufrj.br/featured_topic/o-ludico-em-questao-brinquedos-e-brinca deiras-indigenas/4/. Acesso em: 03 ago. 2023.

FARIA, Maria Alice. Como usar a literatura infantil em sala de aula. São Paulo: Contexto, 2010

KRAMER, S.; SILVA, J. P. da; BARBOSA, S. N. F. Questões metodológicas da pesquisa com crianças. Perspectiva. Florianópolis, jan-jul, 2005. v.23, n.01

MATOS, G. A. A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

RIBEIRO, K. C. Contos de tradição oral: uma proposta de ensino fundamentada na oralidade. Disponível em:

https://cadernodematerias.files.wordpress.com/2012/03/2011oralidadeescrita.pdf. Acesso em: 04 ago. 2023.